



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**GABRIEL DA SILVA FIALHO**

**OS PRIMÓRDIOS DA DIVINIZAÇÃO IMPERIAL EM ROMA ANTIGA:  
UM OLHAR A PARTIR DE REPRESENTAÇÕES NUMISMÁTICAS DE JÚLIO CÉSAR**

**CAMPINAS**

**2021**

**GABRIEL DA SILVA FIALHO**

**OS PRIMÓRDIOS DA DIVINIZAÇÃO IMPERIAL EM ROMA ANTIGA:  
UM OLHAR A PARTIR DE REPRESENTAÇÕES NUMISMÁTICAS DE JÚLIO CÉSAR**

Monografia apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas como requisito facultativo para a obtenção do título de Bacharelado em Ciências Sociais — Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari

CAMPINAS

2021

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, registro meus maiores, mais sinceros e eternos agradecimentos a meus pais, André e Eva, por todo o amor e apoio incondicional e inabalável que sempre me deram ao longo da vida, e, mais especificamente aqui, no decorrer de minha trajetória de graduação. Não é exagero algum dizer que, sem vocês ao meu lado, esta caminhada não teria sido possível.

Agradeço a todos os membros de minha família (em diferentes graus de parentesco) pelo encorajamento e interesse em minha formação, especialmente: Irla, Thiago, Thamires, Roseli, Sirlene, Celina, Maicon, Marlene, Zuleide e José.

Do mesmo modo, menciono aqui carxs amigxs, que desde antes (e, às vezes, muito antes) de eu sequer ingressar na Unicamp, continuaram fazendo a diferença em minha vida, de uma maneira ou de outra, com sua amizade e companheirismo. São eles: Augusto, Luan, Igor, Felipe, Francesco, Pedro e Ana Paula.

Sou grato a todos os professores com quem tive a oportunidade de estudar na graduação, sobretudo àqueles de Antropologia, no IFCH/Unicamp, e de Latim, no IEL/Unicamp. Além disso, destaco minha gratidão a meu orientador, Prof. Pedro Paulo Funari, por toda a ajuda nestes últimos anos, paciência, constante disposição e contribuições para meu percurso acadêmico, as quais sempre serão tidas por mim como inestimáveis.

Agradeço ainda aos funcionários do IFCH/Unicamp, principalmente àqueles da Biblioteca Octavio Ianni, da Secretaria de Graduação e do Escritório de Apoio Institucional ao Pesquisador, por toda a compreensão e acessibilidade ao longo destes últimos anos.

Termino com um agradecimento imprescindível à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro em minhas primeiras experiências de pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica. Neste caso, refiro-me ao processo nº 2018/17982-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Entretanto, as opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

*“Não há nada, dizem, que um deus não possa fazer”*

Marco Túlio Cícero

## RESUMO

Uma análise voltada para um aspecto específico da religião na Roma Antiga, em fins da República e início do Império, nos permite problematizar a fronteira entre o humano e o divino por meio de um estudo acerca do ritual que marcaria certa transição daquele para este: a *consecratio*. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica centrada no patrício, líder militar e político romano Júlio César (100-44 a.C.), pioneiro no recebimento oficial de honrarias divinas em Roma, de forma ainda a fazer reflexões correlatas sobre seu herdeiro e filho adotivo Augusto (63 a.C.-14 d.C.), o primeiro imperador romano. O trabalho de investigação envolveu constantes buscas por diálogos entre essas duas figuras históricas, destacando a análise dos rituais e dos aspectos *in vitam* e *post mortem*, imprescindíveis para a compreensão do contexto em que o fenômeno estudado foi produzido. Além do trabalho com fontes escritas, observamos a iconografia de moedas romanas específicas que foram cunhadas naquele contexto histórico e que se referem ao fenômeno estudado, em um esforço de explorar o potencial dessas fontes como documentos para o estudo do tema.

**Palavras-chave:** Religião. Roma Antiga. Consecratio. Júlio César. Augusto. Moedas Romanas.

## **ABSTRACT**

An analysis that turns to a specific aspect of the religion in Ancient Rome, by the end of the Republic and beginning of the Empire, allows us to problematize the border between human and divine through a study on the ritual that would mark a certain transition from the former to the latter: the *consecratio*. In order to do so, we carried out a bibliographic research focused on the roman patrician, military leader and politician Julius Caesar (100-44 B.C.), the pioneer in officially receiving divine honors in Rome, in an attempt to also connected his heir and adopted son Augustus (63 B.C.-14 A.D.), the first roman emperor. The research work involved constant searches for dialogue between these two historical figures, highlighting the analysis of the rituals and the *in uitam* and *post mortem* aspects, indispensable to the comprehension of the context in which the studied phenomenon was produced. Furthermore, aside from the work with written sources, we observed the iconography of specific roman coins that were minted in that historical context and that refer to such phenomenon, in an effort to explore the potential of these sources as documents for the study of this theme.

**Keywords:** Religion. Ancient Rome. Consecratio. Julius Caesar. Augustus. Roman Coins.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Denarius de Júlio César (R.9066) _____	22
Figura 2. Denarius de Júlio César (R.9058) _____	25
Figura 3. Denarius de Júlio César (R.9059) _____	27
Figura 4. Denarius de Júlio César (R.9061) _____	29
Figura 5. Denarius de Júlio César (1901,0407.450) _____	31
Figura 6. Denarius de Júlio César (R.9064) _____	33
Figura 7. Denarius de Júlio César (1867,0101.1397) _____	35
Figura 8. Denarius de Augusto (Otaviano) (2002,0102.4721) _____	37
Figura 9. Aureus de Augusto (Otaviano) (1864,1128.8) _____	38
Figura 10. Denarius de Augusto (Otaviano) (1846,0910.176) _____	40
Figura 11. Provável sestertius de Otaviano (Augusto) (R.9466) _____	42
Figura 12. Provável sestertius de Otaviano (Augusto) (1872,0709.432) _____	44
Figura 13. Aureus de Júlio César (R.9428) _____	45
Figura 14. Aureus de Otaviano (Augusto) (1995,0401.1) _____	47
Figura 15. Denarius de Augusto (Otaviano) (1860,0330.21) _____	49
Figura 16. Denarius de Augusto (Otaviano) (R.6035) _____	50
Figura 17. Denarius do Divino Júlio (1860,0330.23) _____	52

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	7
2.	JUSTIFICATIVA.....	8
3.	OBJETIVO DA PESQUISA.....	9
4.	MATERIAIS E MÉTODOS .....	10
5.	REVISÃO DA LITERATURA.....	12
5.1.	O papel central da religiosidade romana .....	12
5.2.	Moedas romanas como documentação material.....	13
5.3.	Apontamentos acerca de Júlio César.....	15
5.4.	Discussões terminológicas e representações numismáticas .....	17
6.	APRESENTAÇÃO DE MOEDAS ROMANAS E REFLEXÕES CORRELATAS.....	21
7.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	54
8.	CONCLUSÃO .....	60
	REFERÊNCIAS .....	61

## 1. INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho, nos propusemos a abordar uma discussão que se voltaria a um fenômeno religioso específico produzido na antiga sociedade romana: o ritual da *consecratio*. Nesse sentido, caberia a nós não apenas estudar os seus antecedentes, mas também os efeitos que tal evento traria.

Além disso, estabelecemos desde o início que a pesquisa buscaria associar dois tipos de fontes documentais: escritas (textos modernos e antigos) e materiais. Mais precisamente, no caso destas últimas, falamos sobre moedas romanas, por meio das quais nos debruçaríamos sobre temas pertinentes à iconografia numismática.

Por meio do esforço conjunto envolvendo a revisão bibliográfica de mais de 20 textos e análise de 17 moedas (denários — de prata, sestércios — de cobre —, e áureos — de ouro), estas disponíveis como fotografias para consulta na base de dados do Museu Britânico chamada *The British Museum Collection*, pretendemos enriquecer nossos achados cotejando esses diferentes tipos documentos, ambos com potencial informativo a ser aproveitado.

Dessa forma, com o objetivo de situar tão complexa discussão em um único caso e verificar o que poderíamos apreender dele, fizemos um recorte epistemológico que teve em seu cerne a pessoa de Júlio César (100-44 a.C.), patrício, líder militar e político romano. Essa figura histórica teve dupla importância para nossos objetivos: em primeiro lugar, porque as fontes o reconhecem como primeiro a ser divinizado em Roma. Em segundo lugar, pois, de acordo com nossos levantamentos, também não se tem registro de que uma pessoa tenha sido retratada em moedas romanas antes de Júlio César.

Como este estudo, derivado, sobretudo, de esforços anteriores de investigação em Iniciação Científica consistiu em nossos primeiros passos no tratamento científico do tema, um objeto que remetesse ao início mesmo da questão pareceu apropriado — daí o termo, quiçá, mais enfático “primórdios”, como tencionamos reforçar desde o título.

Portanto, além de corresponder aos latentes interesses acadêmicos do autor, tal empreitada pôde, ao mesmo tempo, “abrir as portas” para que enveredássemos por um caminho que oferece diversas possibilidades e que está em curso de ser levado pós-graduação adentro.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Ainda que aqui não estejamos apresentando uma proposta de pesquisa (no sentido de um projeto, de fato), não obstante pensamos ser válido tratar de maneira breve do pretendido mérito que o exercício que deu origem a esta monografia teve.

De maneira mais ampla, nos propusemos a trabalhar com uma rediscussão no âmbito da religiosidade romana antiga, recorrendo à cultura material — neste caso, por meio da numismática — e a fontes textuais da época em conjunto. Nesse sentido, buscamos inserir-nos em uma discussão atual que se pauta pelo emprego da documentação material e escrita de forma a estabelecer constantes diálogos entre ambas, evitando, pois, formular aí uma hierarquização.

Além disso, essa perspectiva plural foi aliada a discussões presentes em escritos de autores modernos que não apenas lidam com a questão da religião em Roma Antiga, mas também lançam luz sobre determinadas particularidades daquele contexto, sem o qual o fenômeno aqui estudado não poderia ser compreendido a contento.

Dessa forma, a possibilidade de articular, mesmo que de maneira incipiente, discussões de natureza cultural, ideológica, social, e, esperamos ainda, histórica, arqueológica e antropológica nesse tema foi algo que destacou a contribuição que os resultados obtidos poderiam ter.

### 3. OBJETIVO DA PESQUISA

Nosso objetivo consistiu em realizar uma análise da cultura material — representada, neste caso, por moedas romanas —, que aludissem à construção simbólico-ritual de Júlio César, chegando à sua divinização. Levamos em consideração um período que vai desde o ano da morte de César (44 a.C.) — e da primeira aparição dele nas moedas romanas — até a morte de Augusto em 14 d.C., tendo tais datas como referências temporais centrais.

Cabe apontar que objetivamos investigar também, dentro do intervalo de tempo indicado acima a associação pretendida por Augusto, com o uso da inscrição *Divi Filius* [Filho do Divino], por exemplo, uma vez que ela só adquire sentido quando estudada em relação a César, mas também permite que relação entre essas duas figuras históricas viabilize um olhar sobre o ritual da *consecratio* de maneira mais ampla.

#### 4. MATERIAIS E MÉTODOS

Devido às experiências positivas com uma iniciação científica anterior, realizada entre 2018 e 2019, também nesta monografia as atividades de interpretação e análise dos textos escritos selecionados seguiram a leitura analítica, a partir do que apresenta Antônio Joaquim Severino no livro “Metodologia do trabalho científico” (2007). Para a consecução do processo de leitura mencionado acima, cabe lidar com cada um dos textos tendo em mente cinco passos sempre aplicados às diferentes “unidades de leitura”, entendidas de forma individual por: “(...) um setor do texto que forma uma totalidade de sentido. Assim, pode-se considerar um capítulo, uma seção ou qualquer outra subdivisão” (SEVERINO, 2007, p. 53).

Nesta proposta tomamos como “unidades” capítulos (no caso de teses, dissertações e livros) e seções (quando se tratar de artigos científicos e capítulos de livros), abordando-os de forma a contemplar necessariamente: (1) a “análise textual” — superficial e de assimilação das informações gerais; (2) a “análise temática” — um segundo contato com as fontes escritas visando à reconstrução da linha de raciocínio de cada autor; (3) a “análise interpretativa” — uma interpretação crítica e avaliativa dos argumentos dos autores; (4) a “problematização” — pressupõe um levantamento de questões próprias do pesquisador que permitam um diálogo com os argumentos lidos; e, por fim, (5) a “síntese” — o resultado a que se chegou após o cumprimento de todos os processos anteriores, sempre associados a reflexões pessoais (SEVERINO, 2007).

Cabe apontar também que por ser essa uma pesquisa bibliográfica, nos termos em que a define João Bosco Medeiros (2006), nossa documentação escrita e, eventualmente, imagética (fotografias acessadas na base de dados *The British Museum Collection*) foi indireta, uma vez que os dados não foram obtidos *in loco* por meio de pesquisa de campo ou experimentos laboratoriais. Ainda assim, submetido a um tratamento reflexivo e um método científico — neste caso, de acordo com o que foi explicitado no parágrafo anterior —, investimos em adquirir conhecimentos sobre a realidade a partir de um procedimento formal.

Já o *corpus* de análise foi construído levando em consideração as ideias de Bauer e Aarts (2002), onde se parte do pressuposto de que toda a pesquisa social deve apresentar evidências para sustentar uma argumentação e que tal seleção, sendo a base do exercício de investigação, deve ser justificada. Com a finalidade de manter a coesão de nossos escritos, desde a problemática até a conclusão da dissertação, seguiremos o que Veronique Dahlet (2000) chama

de “pesquisa inovadora”: aquela que procura, em toda a extensão das atividades, manter um diálogo entre a proposta inicial, o embasamento teórico em questão e o *corpus* resultante da seleção de materiais, ainda que se deva lidar com eventuais alterações que possam surgir com a dinamicidade do projeto.

Já tendo em mãos as imagens das dezessete moedas que compuseram nossa amostra, fizemos exercícios de consulta recorrente aos dezessete registros na própria base de dados *The British Museum Collection* que discurriam sobre cada uma das cunhagens com que trabalhamos. A partir disso, tivemos acesso a informações específicas de cada moeda, como denominação, descrição, datação, local de cunhagem, materiais, dimensões (peso, diâmetro, eixo ou alto-reverso) e, em certos casos, comentários da curadoria. Todas essas informações estão em inglês, o que requereu de nós um empenho na tradução e adaptação visto que, em cada registro, estávamos lidando com estudos específicos sobre cada item.

Ainda assim, a tradução e adaptação eram apenas parte do processo, que deveria ser completado por comentários próprios sobre particularidades e terminologias que não foram contempladas nas fichas do Museu.

Nesse sentido, foi um ritmo de retomada recorrente de nossas anotações pessoais feitas ao longo de todo o processo, com base nas leituras e na observação das moedas de forma a articular esse conhecimento e expô-lo em um formato adequado a um documento científico como este.

## 5. REVISÃO DA LITERATURA

### 5.1. O papel central da religiosidade romana

Estudos apontam que a religião era parte da vida pública romana, mantendo, pois, uma relação com a política — e, por vezes, com disputas políticas. Mas, de fato, o respeito aos ritos religiosos era interpretado pelos romanos como fundamental para a manutenção da vida em sociedade; isso fazia parte de sua visão de mundo (BEARD; NORTH; PRICE, 1998; FUNARI, 1994; GARRAFFONI, 2009).

Procuraremos desenvolver uma abordagem que abarque um ritual específico da religião romana, a *consecratio*, no período tardo-republicano e início do Império, mas que trate também de sua relação com a política. Entendemos que não fazê-lo seria negligenciar parte importante de nossa análise, em que veremos política e religião operando na mesma esfera.

Ainda assim, baseando-nos no que diz Renata Garraffoni (2009), queremos refutar a interpretação de que as instituições religiosas eram apenas mero instrumento de dominação manipulado pela elite política. A isso agrega Carlos Machado: “(...) precisamos admitir que o estudo de um ritual religioso depende de aceitarmos que os seus efeitos são, antes de mais nada, religiosos — e não políticos ou culturais” (MACHADO, 2014, p. 61).

A ideia de “religião romana” remete a “uma diversidade de relações com o divino, tanto no tempo como no espaço” (GARRAFFONI, 2009, p. 55). Isso se deveu à influência dos etruscos, do culto aos deuses gregos, de cultos orientais e ao cristianismo, que transformaram as crenças e práticas religiosas romanas desde o século VIII a.C. até o século V d.C. Com o desenvolvimento das cidades, os cultos adquiriram uma dimensão normativa organizada pelo Estado (GARRAFFONI, 2009).

No contexto histórico em que se situa nossa discussão, o Senado era a autoridade suprema da religião do Estado (BEARD; NORTH; PRICE, 1998; MACHADO, 2014) e ficou encarregado de atuar na concessão oficial da *consecratio*<sup>1</sup>, algo que não poderia acontecer de forma arbitrária. O debate senatorial baseava-se nos méritos que o imperador, já morto, havia demonstrado em vida, com destaque para o fato de haver ele sido virtuoso, e não tirânico

---

<sup>1</sup> De acordo com “Oxford Latin Dictionary” (1968), este termo poderia ser traduzido como “consagração” [*consecration*] ou mesmo “deificação” [*deification*]. Abster-nos-emos de ambas as traduções: no que tange à primeira, manteremos o termo em latim — *consecratio*; e em vez de usarmos a segunda — “deificação” —, falaremos de “divinização”. Resgataremos posteriormente o motivo para tal, uma vez que isso depende de uma discussão que ainda estamos por fazer.

(PRICE, 1987). Parece-nos válido considerar que até a declaração formal que vimos, de fato, os aspectos e interesses políticos teriam maior destaque.

Mais do que levar em conta se o caráter do imperador ofenderia aos deuses ao ocupar um lugar entre eles, verificava-se em que medida o soberano havia atuado em prol da humanidade, de seus súditos (PRICE, 1987). No entanto, era a sua capacidade de preservar os interesses da elite política e econômica o fator determinante: “Los Emperadores que serán ‘divinos’ serán aquéllos que han contentado al Senado durante sus años de gobierno” (ARCE, 1990, p. 126).<sup>2</sup> Cabe agora uma indagação válida: o que seria esse “tornar-se divino”?

Conforme indica Javier Arce (1990), teria sido Herodiano, no livro IV de sua obra “História Romana”, que chamou de *apotheosis* (termo grego), a divinização do imperador. Nesse sentido, o autor falará de *apotheosis* ou *consecratio* (vistos enquanto sinônimos oriundos de línguas distintas) como um ato público por meio do qual era declarado que um indivíduo era *diuus* (divino), precedido, por sua vez, pelo *funus publicum*<sup>3</sup>, cerimônia que prepararia o público simbólica e psicologicamente para a divinização.

Por outro lado, Sabino Yébenes (2005) defende a existência de uma diferença entre *consecratio* e *apotheosis* com a qual corroboraremos aqui, por ser ela mais rica do ponto de vista de um estudo que se volte para a religião. Sob essa ótica, a elevação da alma do imperador aos céus para junto dos deuses é a *apotheosis*, algo que somente com a *consecratio*, não aconteceria: a primeira seria o ponto culminante da segunda. Enquanto esta última é um ritual, um procedimento de caráter religioso, manipulado pelos seres humanos, aquela diz respeito à ação dos deuses, momento em que os homens, tendo feito os preparativos, são apenas espectadores.

## 5.2. Moedas romanas como documentação material

É, a princípio, com essas considerações históricas em mente que pretendemos trabalhar com moedas como fontes documentais relacionadas a nosso tema. Nos voltamos para a iconografia presente nesses pequenos objetos com grande potencial informativo, conforme se verá; trata-se de imagens — chamadas pelos especialistas de “tipos” —, e inscrições — tecnicamente chamadas de “legendas” (LO MONACO, 2015).

---

<sup>2</sup> “Os Imperadores que serão ‘divinos’ serão aqueles que contentaram o Senado durante seus anos de governo” (tradução nossa).

<sup>3</sup> Era o funeral público custeado pelo Estado que consistia em uma grande honra para a memória de quem o recebesse. Por nosso intento de realizar aqui uma síntese, não faremos descrições de tal cerimônia.

A numismática se nos apresenta como um campo de estudo riquíssimo, como ratificam estudiosos:

O potencial informativo das moedas reside em seus múltiplos aspectos: hoje se realizam estudos sobre a qualidade dos metais empregados em sua fabricação, sobre as técnicas de produção, os pesos dos diferentes grupos de moedas, a iconografia empregada e, finalmente sobre a sua distribuição no mundo antigo (FLORENZANO, 1989, p. 133).

Além disso, uma interpretação cautelosa das moedas pode permitir o acesso a “aspectos políticos, estatais, jurídicos, religiosos, econômicos, mitológicos, estéticos, podendo informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade” (CARLAN; FUNARI, 2014, p. 61, grifo nosso).

A portabilidade das moedas e o fato de serem produzidas em série, com o Estado reclamando para si o monopólio de sua emissão, permitiu que seu uso fosse mais difundido para as transações do dia-a-dia (CARLAN; FUNARI, 2012, 2014; FLORENZANO, 1989): “Essas pequenas peças de metal eram os únicos objetos que chegavam de maneira uniforme ao público. Por meio da imagem, a mensagem política de um governo era transmitida aos seus governados, analfabetos em sua maioria” (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 65-66). Com elas, a transmissão de conteúdo ideológico alcançaria uma escala que talvez nenhum monumento fixo fosse capaz de alcançar.

Entretanto, Carlo Ginzburg (1991) aponta que há em representações uma relação simbólica que envolve “*le signe visible*” [o signo visível] e “*le référent signifié*” [o referente significado], aquilo a que o primeiro se refere. Isso não significa, contudo, que o observador decifrará essa simbologia da maneira como foi pretendida; existe apenas a intenção — de quem cunhou as moedas, por exemplo — de que isso aconteça. Diríamos, portanto, que existe uma dimensão simbólica e ritualística imaterial do poder (MACHADO, 2014), que aqui nos propomos a estudar na materialidade das moedas.

Não podemos preterir os aspectos econômicos da moeda ao estudá-la, no entanto, ela também pode ser considerada — como permitem constatar os estudos de numismática — como elemento de prestígio e ostentação, ao ter sua dimensão de afirmação política por meio de uma iconografia dotada de significado no contexto em que foi produzida (CARLAN; FUNARI, 2012, 2014; FLORENZANO, 1989). Seriam esses usos “extra-monetários” (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 30).

Ainda que as reflexões de Ginzburg, no artigo referenciado acima, se refiram às *effigies* [efígies]<sup>4</sup> dos imperadores no *funus*, pensamos que essas discussões podem nos auxiliar junto à numismática. Se o autor entende que a efígie era uma parte da identidade do imperador, dotada inclusive de um caráter metonímico (GINZBURG, 1991), parece-nos que os tipos numismáticos trazem à tona uma marca mesma da identidade pessoal do figurado, que remete a ele próprio, à sua relação com o poder e à sua intenção de divulgá-lo, propagá-lo, como no caso de César e dos imperadores, depois dele (CARLAN; FUNARI, 2014).

Segundo Larry Kreitzer (1990), até 44 a.C., nenhuma pessoa teria sido representada em moedas romanas. Naquele mesmo ano, no entanto, diversas moedas foram cunhadas com a imagem de Júlio César (100-44 a.C.).

Nesse sentido, é justamente na apoteose dele — Júlio César — patrício, líder militar e político romano que nosso estudo de caso se concentrou; isso além de precedentes e desdobramentos postos em relação a tal evento. César ocupou uma série de magistraturas entre 72 a.C. a 44 a.C., começando como *tribunus militum* [tribuno militar] e, sendo o cume, o fato de ter se tornado, já chegando ao que seria o fim de sua vida, *dictator perpetuo* [ditador perpétuo]. Vejamos, por meio de uma breve recuperação de informações, quem foi essa figura preeminente na história romana e como ele chegou pioneiramente à *consecratio*.

### 5.3. Apontamentos acerca de Júlio César

De acordo com Suetônio (*Diu.Iul.* 25)<sup>5</sup>, Júlio César demonstrou ser um magistrado de destacado valor militar. Nos seus nove anos de campanha na Gália, submeteu toda aquela região compreendida entre os Pirineus, os Alpes, os Cebenas e os rios Reno e Ródano à condição de província — exceto aliados; foi o primeiro a atravessar o Reno e atacar os germânicos; esteve na Britânia por duas vezes e venceu os britanos. Ali e alhures, um número assombroso de pessoas — só na Gália, mais de um milhão delas, conforme indica Plutarco (*César* 15, 5) — pereceu com as investidas do conquistador.

---

<sup>4</sup> Consoante à indicação de Arce (1990), as *effigies cerae* são simulacros do imperador falecido feitos de cera.

<sup>5</sup> Conforme apresentado por Funari (2003), seguimos a citação de autores antigos da seguinte forma: NOME DO AUTOR; NOME DA OBRA, abreviada de forma convencional; LIVRO, CAPÍTULO E VERSÍCULOS CITADOS, no caso da prosa. Apesar disso, os textos de Suetônio (escrito originalmente em latim) e Plutarco (escrito originalmente em grego) referenciados aqui estão reunidos em um volume moderno (2007) traduzidos, respectivamente, por Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca.

Quanto à ditadura perpétua de César, Paulo Martins a vê como “uma forma de poder centralizadora que, mais do que nunca, fundava-se na figura de um único homem para geri-la e gestá-la” (MARTINS, 2011, p. 208); isso teria contribuído para o interesse na propagação de imagens daquele governante de forma inédita na República.

Pouco antes de sua morte, César teria recebido “honrarias divinas”, chamadas assim, segundo Mary Beard, John North e Simon Price (1998), pois se acreditava que tornavam aquele que as recebia semelhante aos próprios deuses em status: “(...) he had, for example, the right to have a priest (flamen), to adorn his house with a pediment (as if it were a temple) and to place his own image in formal processions of images of the gods” (BEARD; NORTH; PRICE, 1998, p. 140).<sup>6</sup>

Após sua morte, ele teria recebido outras, como altares, sacrifícios, um templo e a divinização formal em 42 a.C., quase dois anos após ter sido assassinado (BEARD; NORTH; PRICE, 1998; KREITZER, 1990). Ora, a *consecratio* (e, como consequência disso, a *apotheosis*) passava a requerer uma estrutura religiosa formal para um culto divino (PRICE, 1987).

A prática de conferir a reis honrarias divinas seria parte integrante da atividade religiosa nas províncias orientais do que veio a ser conhecido como Império Romano. Contudo, até certo ponto, em Roma, teria sido inaceitável que figuras como generais, mesmo vitoriosos, fossem homenageadas de tal forma (KREITZER, 1990). Foi apenas com César, entre 45 e 44 a.C. que tais associações com os deuses — que soíam sustentar-se apenas fora de Roma — penetraram na própria urbs, sendo conferidas oficialmente pelo Senado. Isso acabava por contribuir para a adulação pública de César, e já pavimentava o caminho para sua divinização (BEARD; NORTH; PRICE, 1998; KREITZER, 1990).

No entanto, segundo “The Oxford Classical Dictionary” (1999), com as honrarias que César recebeu e sua ambição, as elites políticas temiam o impacto que um monarca com ares divinos poderia ter na política de Roma, que era uma república. Isso teria motivado os conspiradores a levarem a cabo o assassinato de César em 44 a.C.

O culto imperial, resultante também da *consecratio* e da *apotheosis*, foi organizado de forma a atuar como uma força política unificadora: vários povos e culturas sob a égide do mesmo homem (KREITZER, 1990). Entre o funeral de Augusto, o primeiro imperador romano, em 14

---

<sup>6</sup> “(...) ele tinha, por exemplo, direito a ter um sacerdote (*flamen* [flâmine]), a adornar sua casa com um frontão (como se ela fosse um templo) e a colocar sua própria imagem em procissões formais de imagens dos deuses” (tradução nossa).

a.C. e o de Constantino, o primeiro imperador cristão, em 337 d.C., 36 imperadores romanos (de um total de 60) receberam a apoteose — isso sem contar os 27 membros de suas famílias (PRICE, 1987).

Segundo Paulo Martins (2011), no período da República, *imperator*<sup>7</sup> era um título honorífico conferido formalmente pelo Senado a generais que haviam demonstrado notável habilidade militar no campo de batalha. César, ainda que não portasse tal honraria ao gosto dos próprios imperadores, usou-o como indicativo de distinção e superioridade em relação a quaisquer outros comandantes militares.

#### 5.4. Discussões terminológicas e representações numismáticas

Ainda que no culto imperial a intenção fosse de um culto voltado para o *genius* [gênio] do imperador e não exatamente à sua pessoa, na medida em que a iconografia não apresentava tal separação, acontecia de o próprio figurado ser cultuado (MARTINS, 2011) — isso em contexto *post mortem* [após a morte], ou melhor, *post consecrationem* [após a *consecratio*]. Com base em verbete do “Oxford Latin Dictionary” (1968), entendemos o *genius* como a parte divina ou espiritual de cada indivíduo (ou mesmo de coisas e lugares) do qual fazia parte um espírito ligado à sua *gens* (clã). Parece que a demonstração de talento e sucesso dever-se-ia a uma relação com o divino algo que, no culto imperial, se tornou objeto de veneração: o gênio do imperador, suas capacidades e poderes.

Apesar do que vimos até aqui, para Paul Veyne (2009), ninguém acreditava que o imperador era um deus do panteão romano, mesmo que ele fosse divinizado. Mais que isso, dirá: “O culto imperial tem raízes profundas (...), mas seu caráter religioso é falso” (VEYNE, 2009, p. 29). A nosso ver, esse autor quer retirar qualquer aspecto religioso da apoteose — e é aqui que vale um debate com ele.

Assim como o ponto de a religião estar em declínio ou não na República Tardia (BEARD; NORTH; PRICE, 1998), pensamos que aquele de haver religiosidade ou não na *consecratio* é uma questão de interpretação. Não diremos que o imperador era um deus de fato, como aqueles do panteão, mas também não iremos tratar o ritual que é nosso objeto de estudo

---

<sup>7</sup> Em português pode ser traduzido como “comandante-em-chefe”, como o faz Antônio da Silveira Mendonça, ou seja, diferente de “imperador” nesse contexto.

como irreligioso ou falsamente religioso. Embasemos isso, a seguir, em contato com outros autores que propõem impressões que vemos como mais produtivas.

A questão de que não havia uma fronteira clara entre homens e deuses na tradição religiosa romana teria sido de suma importância para a maneira como as pessoas percebiam e aceitavam a transição aparentemente impossível — se vista em termos da tradição judaico-cristã, por exemplo — de que um ser humano se tornasse um deus (BEARD; NORTH; PRICE, 1998). A respeito disso, cabem aqui algumas ressalvas.

De acordo com Price (1987), o termo *diuus*, não sendo estritamente diferenciado de *deus* (referente aos deuses), seria como que uma subcategoria dele, não impedindo, em princípio, que os imperadores fossem chamados também de *di* (plural de *deus*). No entanto, havia diferenças no tratamento conferido a eles: os *diui* (plural de *diuus*) não eram tidos como ancestrais no mesmo sentido que os *di*, não podendo ter suas imagens expostas nos funerais de descendentes — a imagem de César não foi exposta no funeral de Augusto, mas as de Rômulo e Eneias foram; ofender um *diuus* era algo punido por lei, e não por uma justiça celeste, que atuaria apenas sobre aqueles que ofendessem aos *di*.

Além disso, para Machado (2014), a *consecratio* não era apenas uma manifestação do poder imperial na cidade de Roma (algo meramente político), mas a “instituição de uma nova divindade no panteão romano, um ato com dimensões cosmológicas (...). O ritual provocava, nesse caso, uma alteração da ordem que era sobre-humana (...)” (MACHADO, 2014, p. 66) — a reflexão é brilhante, mas quanto à questão de se instaurar uma nova divindade, exatamente nos termos em que esse autor coloca, já indicamos nossas reservas.

Em moedas cunhadas mais próximas ou após sua morte — neste último caso representando-o como *diuus* —, dirá Jocelyn Toynbee (1957), já se notava uma menor preocupação com a representação de César estritamente comprometida com um retrato realista [*verism*] como havia sido feito antes. Suprimiam-se quaisquer traços de sua pessoa que pudessem ser esteticamente desagradáveis ao passo que se procurava exaltá-lo, algo que a estudiosa relaciona a um estilo Helenístico de representar governantes, influenciado, por sua vez, por representações de Alexandre, o Grande.

A devoção (e suposta associação por descendência) de César à deusa Vênus, em busca de sucessos, também seria representada em moedas, como naquelas em que o busto do

primeiro figuraria no anverso (cara) acompanhado de uma representação da segunda, no reverso (coroa) (BEARD; NORTH; PRICE, 1998; SCOTT, 1941).

Um exemplo de destaque na iconografia numismática associada a César é a do chamado *Sidus Iulium* [Cometa de Júlio], de que nos fala Kenneth Scott (1941): de acordo com Augusto, o cometa apareceu durante as comemorações do *ludi Victoriae Caesaris* [jogos da Vitória de César] (entre 20 e 30 de julho do ano da morte deste — 44 a.C., como vimos). Tal aparição representou o motivo pelo qual a divinização de César deveria acontecer: o cometa foi interpretado como sendo a alma imortal e divina de César — em oposição a seu corpo mortal —, então recentemente assassinado, que era levada ao céu em direção aos deuses.

Com isso, Augusto estaria ávido por espalhar a imagem do *Sidus* — representado como uma estrela — e o papel deste na divinização de César. A partir de 44 a.C., não muito tempo após a aparição do cometa, moedas já teriam começado a ser emitidas nesse intento associadas ao “Divino Júlio” — até por volta de 17 a.C., quando o cometa deixou de aparecer nessas cunhagens —, e com Augusto se preocupando em evidenciar o fato de ser ele *filius* [filho] daquele primeiro (KREITZER, 1990; SCOTT, 1941).

São por razões como essas que, ainda que Júlio César seja a figura histórica de quem nos ocuparemos principalmente, não podemos deixar de falar de Augusto, seu filho adotivo e herdeiro, o fundador de um novo sistema político, marcado por certo tipo de poder: o Principado (MARTINS, 2011), a partir de 27 a.C. O fato de tal período da história de Roma ser conhecido como Império ou Principado, deve-se ao fato de que o governante era um *princeps* (príncipe, primeiro), um general vitorioso do exército (*imperator*)<sup>8</sup> (FUNARI, 2011).

De acordo com Vagner Porto (2012), a circulação de moedas não estava diretamente atrelada ao período de vida do imperador sob o qual foram cunhadas; elas continuavam circulando mesmo depois de sua morte. Por extensão, pensemos também na importância de se continuar representando um governante já morto: referências a Júlio César continuaram sendo feitas, sobretudo sob Augusto, décadas após o assassinato daquele primeiro — veremos as datas atribuídas às evidências materiais correspondentes e que estão indicadas na descrição de cada uma delas.

---

<sup>8</sup> É perceptível que escolhemos usar o termo “Império” ao longo deste trabalho para nos referirmos a tal período, exceto na referência feita logo acima a Martins, uma vez que “Principado” é a designação que ele usou.

É pertinente para tudo o que falado previamente destacar que Roma entendia-se a si mesma como o centro de seu mundo — o “mundo romano” — em relação às colônias e províncias do Oriente e do Ocidente, “periféricas” (PORTO, 2012). Consideremos esse argumento para tratarmos do recorte epistemológico apresentado por nós ao longo destes escritos: estamos fazendo um estudo de centro (e da elite do centro). Com nossas leituras, entendemos a preocupação de estudiosos modernos ao destacar o estudo de identidades e reivindicações locais (remetendo à “periferia”), mas pensamos que o estudo de práticas da elite romana não deixa de contribuir para o conhecimento daquele contexto histórico — sobretudo no estudo de caso que propomos —, ainda que não queiramos, de forma alguma, estabelecer uma hierarquia que exalte a cultura de centro e despreze as manifestações culturais provincianas, que não são nosso foco neste caso.

Portanto, procuramos, a partir do estudo da *consecratio* de Júlio César em fins da República por meio de fontes escritas e da cultura material, direcionar a discussão para uma relação específica entre o humano e o divino, marcada por um rito de passagem que só poderia ser tomado como impossível estando fora de contexto e submetido a outras tradições religiosas que contam com um grande divisor entre tais termos.

## 6. APRESENTAÇÃO DE MOEDAS ROMANAS E REFLEXÕES CORRELATAS

A seguir, trazemos as dezessete moedas com que trabalhamos. Os arquivos digitais do Museu Britânico trazem o anverso e o reverso de cada uma delas em alta resolução, tornando bem visíveis os tipos (imagens) e as legendas (inscrições); tomamos como base as informações sobre os artefatos também descritas no referido acervo, elaborando como que uma ficha para cada item por meio das quais nos ocupássemos de fazer uma breve descrição dos materiais.

Ainda, os números de registro (*Registration numbers*) de cada moeda foram anotados para viabilizar uma consulta precisa ao vasto acervo do Museu; tais numerações estão entre parênteses logo após a denominação de cada amoedação, abaixo das figuras.

Já nas transcrições do conteúdo dos textos presentes nas faces das moedas, aquilo que está entre parênteses se refere ao que foi completado para além das abreviaturas pela equipe técnica que catalogou a peça no portal do Museu Britânico; caso apareçam colchetes, isso indica que a escrita restante se perdeu — e.g. por desgaste ou fragmentação da peça —, fazendo com que a equipe conjecturasse acerca do restante da mensagem. Para fins de organização, todas as moedas terão seus registros iniciados em página própria.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 1

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 44 a.C, em Roma



Figura 1. Denarius de Júlio César (R.9066). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.<sup>9</sup>

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR PARENS PATRIAE — “César, Pai da Pátria”

Reverso: A(URO) A(RGENTO) A(ERE) F(LANDO)-F(ERIUNDO) C COSSVTIVS  
MARIDIANVS — “C. Cossútio, responsável por fundir e cunhar ouro, prata e bronze”

---

<sup>9</sup> A abreviação CC BY-NC-SA 4.0 refere-se à licença Creative Commons “Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International”, por meio da qual o Museu Britânico permite a utilização das imagens de seu acervo para usos não comerciais. Essa informação, pois, foi incluída na legenda de cada uma das imagens, como forma de atribuir adequadamente o conteúdo apresentado à instituição museológica em questão. A página oficial da licença, em português, se encontra no endereço eletrônico <<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/legalcode.pt>>.

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de César velado e laureado à direita; à frente do busto, *lituus* (representando o colégio dos áugures); atrás, o *apex* (gorro usado na cabeça por flâmines). Orla pontilhada.

Reverso: Inscrição disposta na forma de uma cruz; nos ângulos da cruz, inscrição. Orla pontilhada.

Nessa amoedação, vemos que o fato de César sido representado como um sacerdote acompanhado por *lituus* e *apex*, objetos associados a áugures e flâmines indica a atribuição de um caráter religioso à pessoa dele. Tendo em vista as funções de flâmines e áugures, propomos que teria existido aí uma intenção de apresentar César não como um sacerdote de fato (acendendo as chamas dos altares de diferentes divindades ou consultando fenômenos da natureza a fim de interpretar as vontades dos deuses), mas como alguém que seria um intermediário entre deuses e homens de alguma forma — daí o uso de símbolos como indicadores.

Além de todas essas alusões a aspectos sacerdotais, o fato de ter sido mantida a coroa de louros na mesma representação visaria a uma relação com a proeminência militar do laureado — destacando, portanto, outra de suas virtudes. Isso nos permite pensar no sentido de verificar essas representações não apenas enquanto objetos em si, mas como símbolos — daí a importância de este ou aquele instrumento estar presente como representação imagética no discurso que uma moeda específica procura transmitir por meio de tipos numismáticos.

Em uma discussão mais ampla que lide com as moedas e os textos escritos, César é representado de forma que destaca as honrarias e títulos recebidos por ele já nos anos já anteriores à sua morte, o que podemos interpretar como prenúncio de sua chegada à divinização e incentivo à adulação pública. O primeiro deles, na moeda cunhada por C. Cossúcio, é *parens patriae*, querendo dizer “César, o Pai/Progenitor/Fundador da Nação”, um benfeitor que salvou a pátria com sua *clementia*, e não um tirano (STEVENSON, 2009) onde César é retratado como um sacerdote e associado a instrumentos utilizados por flâmines e áugures, sacerdotes de Colégios Maiores de Roma Antiga.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC)<sup>10</sup>, de peso de 3,98 g.

---

<sup>10</sup> No “Livro das Moedas do Brasil: 1643 até o presente” (2009), dos numismatas Cláudio Amato, Irlei Neves e Arnaldo Russo, nos deparamos com a indicação de uma terminologia utilizada pela Sociedade Numismática Brasileira baseada em padrões internacionais para indicar o estado de conservação das moedas, e os parâmetros para se ter em conta ao fazer isso. São seis graus, do melhor estado de conservação para o pior: FLOR DE CUNHO (FC), SOBERBA (S), MUITO BEM CONSERVADA (MBC), BEM CONSERVADA (BC), REGULAR (R), UM TANTO GASTA (UTG).

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 2

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 44 a.C, em Roma



Figura 2. Denarius de Júlio César (R.9058). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR DICT(ATOR)·PERPETVO — “César, Ditador Perpétuo”

Reverso: L BVCA — “L. Buca”, moedeiro responsável por essa cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de César laureado à direita. Orla pontilhada.

Reverso: Vênus sentada à direita segurando a Vitória na mão direita e um cetro na mão esquerda.

Orla pontilhada.

A divindade Vitória (Victoria) sendo segurada por Vênus resulta na presença de duas divindades no discurso dessa moeda associada a César. Há outras amoedações na coleção do Museu em que Vênus está representada no reverso também, mas em pé, como veremos na moeda de ordem 4.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC), de peso de 4,12 g. Eixo ou alto reverso: cinco horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 3

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 44 a.C, em Roma



Figura 3. Denarius de Júlio César (R.9059). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR DICT(ATOR)·PERPETVO — “César, Ditador Perpétuo”

Reverso: L BVCA — “L. Buca”, moedeiro responsável por essa cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de César laureado à direita. Orla pontilhada.

Reverso: *Fasces* (símbolo de autoridade) e *caduceus* (símbolo de equilíbrio e harmonia) em sautor; à esquerda, um machado; à direita, luva; acima, mãos apertadas (indicação de aliança ou acordo). Orla pontilhada.

As duas moedas cunhadas por L. Emílio Buca, apresentam a inscrição DICT·PERPETVO, fazendo referência ao título de Ditador Perpétuo recebido por César em 44 a.C. Em uma delas, ainda vale destacar, César está associado a Vênus que aparece no reverso da mesma moeda que ele próprio figura no averso — já estudamos que César dizia que essa deusa era ancestral de sua família, a *gens Iulia*, e, por extensão, dele mesmo. A presença da coroa de louros indica que César era um comandante vitorioso em batalhas e havia sido honrado em cerimônia de triunfo (*triumphus*) com a coroa pelo Senado para uso em aparições públicas.

O Oxford Latin Dictionary (1968) informa que a coroa de louros poderia ser usada também em cerimônias religiosas e que, além de atestar vitória militar, era algo dedicado a Júpiter. Isso nos orienta a pensar que a coroa de louros não tinha uma conotação apenas militar em Roma, mas abrangia também essas outras esferas.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC), de peso de 3,81 g. Eixo ou alto reverso: quatro horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 4

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 44 a.C, em Roma



Figura 4. Denarius de Júlio César (R.9061). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR [DICT·PERP]ETVO — “César, Ditador Perpétuo”

Reverso: [L·BV]CA — “L. Emílio Buca”, moedeiro responsável por esta cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de César laureado à direita; à frente e atrás do busto, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: Vênus em pé à esquerda, segurando a Vitória na mão direita e um cetro na mão esquerda; atrás, inscrição. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de prata, bem conservada (BC), de peso de 3,94 g. Eixo ou alto reverso: quatro horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 5

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 44 a.C, em Roma



Figura 5. Denarius de Júlio César (1901,0407.450). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR·IMP(ERATOR) — “César Imperador”

Reverso: M·METTIVS H — “M. Mécio”, o moedeiro responsável por esta cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de César laureado à direita; atrás, *lituus* (representando o colégio dos áugures) e *culullus* (uma espécie de recipiente usado em rituais religiosos); à frente, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: Vênus em pé à esquerda segurando a Vitória na mão direita e um cetro na mão esquerda e descansando o cotovelo em um escudo que está sobre um globo; à frente e atrás, inscrição. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC), de peso de 4,06 g. Eixo ou alto reverso: duas horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 6

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 44 a.C, em Roma



Figura 6. Denarius de Júlio César (R.9064). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR DICT(ATOR)·PERPETVO — “César Ditador Perpétuo”

Reverso: P·SEPVLLIVS MACER — “P. Sepúlio Macro”, moedeiro responsável por esta cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de César velado e laureado à direita; à frente e atrás, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: Vênus em pé à esquerda segurando a Vitória na mão direita e um cetro na mão esquerda; abaixo do cetro, um escudo; à frente e atrás, inscrição. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de prata, bem conservada (BC), de peso de 3,60 g. Eixo ou alto reverso: seis horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 7

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 44 a.C, em Roma



Figura 7. Denarius de Júlio César (1867,0101.1397). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR·IMP[ERATOR] — “César Imperador”

Reverso: P·SEPVLLIVS MACER — “P. Sepúlio Macro”, moedeiro responsável por esta cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de César laureado à direita; atrás, uma estrela; à frente, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: Vênus em pé à esquerda, segurando a Vitória na mão direita e um cetro na mão esquerda; à frente e atrás, inscrição. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC), de peso de 3,56 g. Eixo ou alto reverso: duas horas.

Chama atenção a recorrência de alguns elementos nas moedas acima: títulos nas inscrições (i.e. *dictator*, *imperator*), além da presença da coroa de louros, Vênus e Niké/Vitória (sempre nos reversos) e símbolos religiosos em todas elas no anverso, como véu, *lituus* e *culullus*.

Todas elas parecem ser símbolos que visam projetar para a pessoa de César a *autoridade*, reforçando de forma imagética a justificativa para que ele ocupasse a posição proeminente que ocupava — a moeda, cultura material, impregnada de um discurso específico. É interessante para nós perceber essa aproximação, aqui, remetendo ao poder e à relevância da simbologia religiosa — e de como esta é operacionalizada em tal situação.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 8

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 43 a.C, em Gália Cisalpina e Itália



Figura 8. Denarius de Augusto (Otaviano) (2002,0102.4721). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: (C[AIUS])·(CAE)SAR·III[UM]·VIR·R[EI]·P[UBLICAE]·C[ONSTITUENDAE] —

“Caio César, triúnviro para a organização da República”

Reverso: Não há

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de Otaviano com barba, à direita; ao redor, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: busto laureado de Júlio César à direita. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de prata, bem conservada (BC), de peso de 3,35 g. Eixo ou alto reverso: seis horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 9

Denominação: Áureo

Ano / Local: ano 43 a.C, em Gália Cisalpina e Itália



Figura 9. Aureus de Augusto (Otaviano) (1864,1128.8). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: C[AIUS]·CAESAR·CO[N]S[VL]·PONT[IFEX]·AVG[VSTVS] — “Caio César, Cônsul, Pontífice, Augusto”

Reverso: C[AIUS]·CAESAR·DICT[ATOR]·PERP[ETVO]·PONT[IFEX]·MAX[IMUS] — “Caio César, Ditador Perpétuo, Pontífice Máximo”

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de Otaviano com barba, à direita; ao redor, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: busto laureado de Júlio César à direita; ao redor, inscrição. Orla pontilhada

Observações:

Peça de ouro, muito bem conservada (MBC), de peso de 8,02 g. Eixo ou alto reverso: seis horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 10

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 38 a.C, local desconhecido



Figura 10. Denarius de Augusto (Otaviano) (1846.0910.176). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: DIVOS·IVLIVS DIVI·F[ILIVS] — “Divino Júlio, Filho do Divino”

Reverso: M·AGRIPPA·CO[N]S[VL] DESIG[NATVS] — “M. Agripa, Cônsul Designado”,  
moedeiro responsável por esta cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto laureado de Júlio César e busto de Otaviano de frente um para o outro; à esquerda e à direita, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: inscrição. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de liga de cobre, muito bem conservada (BC), de peso de 3,94 g. Eixo ou alto reverso: três horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 11

Denominação: Sestércio (provavelmente)

Ano / Local: ano 38 a.C, em Itália



Figura 11. Provável sestertius de Otaviano (Augusto) (R.9466). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: DIVI·F[ILIVS] — “Filho do Divino”

Reverso: DIVOS IVLIVS — “Divino Júlio”

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de Otaviano com barba, à direita; à frente, uma estrela; atrás, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: Coroa de louros; no interior, inscrição. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de liga de cobre, muito bem conservada (BC), de peso de 24,25 g. Eixo ou alto reverso: quatro horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 12

Denominação: Sestércio (provavelmente)

Ano / Local: ano 38 a.C, em Itália



Figura 12. Provável sestertius de Otaviano (Augusto) (1872,0709.432). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR DIVI F[ILIVS] — “César, filho do Divino”

Reverso: DIVOS IVLIVS — “Divino Júlio”

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de Otaviano com barba, à direita; à frente e atrás, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: busto laureado de Júlio César à direita; à frente e atrás, inscrição. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de liga de cobre, bem conservada (MBC), de peso de 17,87 g. Eixo ou alto reverso: sete horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 13

Denominação: Áureo

Ano / Local: ano 38 a.C, local desconhecido



Figura 13. Aureus de Júlio César (R.9428). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso:

IMP[ERATOR]·DIVI·IVLI·F[ILIVS]·TER[TIVM]·III[VM]·VIR·R[EI]·P[VBLICAE]·C[ONSTITVENDAE] — “Imperador Filho do Divino Júlio, terceiro triúnviro para a organização da República”

Reverso: M·AGRIPPA·CO[N]S[VL] DESIG[NATVS] — “M. Agripa, Côsul Designado”, moedeiro responsável por esta cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto laureado de Júlio César à direita; na altura da testa, uma estrela; ao redor, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: inscrição. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de ouro, muito bem conservada (MBC), de peso de 8,23 g. Eixo ou alto reverso: uma hora.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 14

Denominação: Áureo

Ano / Local: ano 28 a.C, local desconhecido



Figura 14. Aureus de Otaviano (Augusto) (1995,0401.1). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: IMP[ERATOR] CAESAR DIVI F[ILIVS] CO[N]S[VL] VI — “Imperador César Filho do Divino, cônsul seis vezes”

Reverso: LEGES ET IVRA P[OPVLO] RESTITVIT — “(Ele) restituiu as leis e os direitos ao povo”

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de Júlio César e busto de Otaviano à direita; à esquerda e à direita, inscrição. Orla pontilhada.

Reverso: Otaviano sentado em um banco voltado para a esquerda, segurando um pergaminho na mão direita; a seus pés, à esquerda, uma caixa de pergaminho. Orla pontilhada.

Observações:

Peça de ouro, muito bem conservada (MBC), de peso de 7,95 g. Diâmetro: 18mm.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 15

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 19-18 a.C., em César Augusta (possivelmente)



Figura 15. Denarius de Augusto (Otaviano) (1860,0330.21). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR AVGVSTVS — “César Augusto”

Reverso: DIVVS IVLIVS — “Divino Júlio”

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de Augusto à direita, usando a coroa cívica.

Reverso: Cometa com oito raios e cauda voltada para cima.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC), de peso de 3,85 g. Eixo ou alto reverso: seis horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 16

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 17 a.C., em Roma



Figura 16. Denarius de Augusto (Otaviano) (R.6035). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: AVGVSTVS DIVI.F — “Augusto, Filho do Divino”

Reverso: M SANQVINIVS.III.VIR — “M. Sanquínio, Triúnviro”, moedeiro responsável por esta cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: busto de Augusto, à direita, com a cabeça descoberta.

Reverso: busto laureado de Júlio César divinizado, à direita; acima, cometa com quatro raios e a cauda voltada para cima.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC), de peso de 4,04 g. Eixo ou alto reverso: cinco horas.

## DESCRIÇÃO DA MOEDA

Número de ordem: 17

Denominação: Denário

Ano / Local: ano 17 a.C., em Roma



Figura 17. Denarius do Divino Júlio (1860,0330.23). The British Museum, Londres, Inglaterra. © The Trustees of the British Museum. Licenciada sob CC BY-NC-SA 4.0.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso (a digitalização do Museu colocou o anverso à direita, diferente das outras imagens que temos):

Anverso: AVGVST DIVI F LVDOS SAE— “Augusto, Filho do Divino, (promoveu) os Jogos Seculares”

Reverso: M SANQVINIVS·III·VIR — “M. Sanquínio, Triúnviro”, autoridade responsável por esta cunhagem em particular

Descrição da iconografia:

Anverso: arauto vestindo toga e capacete com penas, à esquerda, segurando um *caduceus* (símbolo de equilíbrio e harmonia) na mão direita e, na mão esquerda, um escudo com uma estrela de seis pontas.

Reverso: busto laureado de Júlio César divinizado, à direita; acima, cometa com quatro raios e a cauda voltada para cima.

Notamos que, na iconografia, o que difere cometa da estrela é a presença da cauda naquele primeiro.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC), de peso de 3,99 g. Eixo ou alto reverso: oito horas.

## 7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Cabe reforçar que um dos maiores aproveitamentos alcançados foi o de poder ter cultura material e documentos escritos (antigos e modernos) no estudo da religiosidade romana, mais especificamente, da divinização de Júlio César, algo que ao mesmo tempo se mostrou relevante e estimulante, sem deixar de ser um desafio, na medida em que procuramos evitar qualquer hierarquização entre nossas ferramentas de estudo.

Vimos que nosso tema remetia a uma forma singular de lidar com o divino, que se não pode ser tratada como parte intrínseca de nossa vivência nos dias atuais, lança luz sobre esse aspecto da experiência humana que é, ela mesma, variada (seja ao longo do tempo, ou do espaço). Tal pensamento foi importante por reforçar a relevância teórica que uma pesquisa que se volta para algo tão recuado no tempo pode ter, além de, esperamos, poder contribuir para a ciência que se faz hoje sobre essa temática.

Nesse sentido, percebemos que é importante valorizar o potencial informativo da materialidade — tão importante como a da escrita. Na medida em que partimos de um ponto de vista de que os artefatos podem fornecer informações sobre determinadas pessoas e seus costumes, queremos continuar explorando o quanto as moedas que selecionamos podem nos informar sobre aqueles que as usavam, os romanos.

Como apresentamos no projeto inicial, discussões sobre terminologia teriam grande importância para o nosso debate e, acerca disso, nos deparamos com pontos interessantes. Após sua morte, Rômulo teria sido levado aos céus e adorado como o deus Quirino (antes dele, Eneias, após sua morte teria sido adorado como o deus Júpiter Indiges) (FUNARI, 2011). Vimos aí um primeiro elemento para que comecemos a falar de *divinização/deificação*, neste caso, voltado para a origem lendária de Roma. Rômulo estava associado a um Deus — Marte — como descendente dele; Júlio César associar-se-ia a Vênus de maneira semelhante.

No entanto, a partir do momento em que entendemos que Rômulo e Eneias foram adorados *como* deuses e César foi declarado “Divino Júlio” (*Diuus Iulius*), já foi um primeiro passo para estabelecermos uma distinção entre o que seria uma *deificação* (entendida por nós como tornar-se um deus de fato) e a *divinização* (entendida como tornar-se divino) de César, que

não implicou na atribuição de um nome próprio “de deus” (como Júpiter Indiges), mas de um título antes de seu *nomen*<sup>11</sup>, a saber, *diuus* (divino).

Além das leituras, reflexões posteriores nos permitiram operacionalizar de maneira produtiva os dois pares de conceitos-chave com que trabalhamos: *apotheosis/consecratio*; *deus/diuus*. Encaramos *apotheosis* como um conceito grego e mais abstrato, filosófico; *consecratio*, por outro lado, é prático, ritual, latino (portanto, oferecendo mais rendimento para nós); ainda que ambos possam (e devam) ser referenciados nessa discussão que estamos fazendo. Além disso, concluímos que *deus* era preexistente e eterno enquanto *diuus* se referia a um humano divinizado; ainda que estudiosos como Simon Price (1987) indiquem que por vezes essa terminologia poderia se confundir na Antiguidade, fazer essa discriminação se mostra mais didática para tratamento de nossos resultados.

Um dos primeiros resultados que obtivemos foi no sentido de entender que nosso tema como um todo não envolvia *apenas* política ou *apenas* religião, mas uma interseção aí que produzia algo original. Essas questões foram um convite a não nos limitarmos a rotular esses fenômenos de forma absoluta, mas a tomarmos a oportunidade para entender como são heterogêneos; não seria viável nem produtivo separar religião de relações de poder na Antiguidade, sob pena de prejudicar a compreensão mesma de nosso objeto de estudo, apesar de isso ser ainda na contemporaneidade uma questão subjetiva e controversa, mesmo entre estudiosos experientes.

No que tange a fronteiras, vimos que no sistema de ideias romano, nunca houve um limite claro entre homens e deuses, favorecendo o surgimento do que queremos nos referir aqui como “categorias intermediárias”; propomos que o sujeito divinizado (*diuus*) é para nós isso mesmo — uma categoria intermediária. Além disso, junto ao orientador tivemos a noção de que na Antiguidade, a passagem de um humano para o plano divino era algo bem aceito (a exemplo de Alexandre, o Grande alhures). Na verdade, esse seria um aspecto transcultural, pois diversas culturas trataram de sujeitos tidos como excepcionais divinizados após a morte, mas que seriam já divinos em vida, pelo menos em parte.

Enquanto Augusto não teria se interessado em prestar homenagem a seu pai Júlio César, incluído entre os deuses, ele queria manter viva a crença nesse culto para que fosse visto

---

<sup>11</sup> *Nomen*: Nome de família. Identificava um cidadão como pertencente a uma família (*gens*); no caso de Júlio César, tem-se a *gens Iulia*.

como o filho do “Divino Júlio”. Além disso, teria evitado destacar a faceta monárquica de César, apresentando-se a si mesmo como republicano, ainda que, na prática, não fosse esse o caso. Ora, Augusto se associava em certa medida a César, explorando o parentesco com ele e o fato de este ter sido divinizado, mas nem por isso queria ser visto como um governante com ares monárquicos também. De fato, verificamos que nas amoedações, das dezessete moedas com que trabalhamos, oito delas apresentam a inscrição *diui f(i)lius*; em seis delas Augusto associa seu busto ao de César por meio das faces da moeda; e em outras duas, se não vemos *diui filius*, temos a menção pela legenda *Diuus Iulius* ou pelo tipo do *Sidus Iulium*.

Aqui cabe outra associação com a bibliografia que havíamos lido. Falando sobre como a divinização culminaria com a ascensão do imperador aos céus, vimos que o *Sidus Iulium* [Cometa de Júlio] — ao qual vimos referência várias vezes iconografia numismática — foi usado como um sinal celestial para ratificação dessa ideia, de acordo com a maneira como foi interpretado no caso específico de César (SCOTT, 1941). Mas algo que os diálogos que tivemos ao longo da pesquisa também nos mostraram foi que isso de fato era importante no contexto romano, mas também em outras culturas houve associação entre cometas e fenômenos divinos, como entre os maias e os mesopotâmicos, evidenciando que a religiosidade tem uma grande potencialidade como objeto epistemológico.

As moedas são importantes nesse contexto para nós, visto que o que está representado ali parece ser algo novo em Roma àquela altura e que tem um papel na aceitação da excepcionalidade de um único indivíduo, raciocínio por meio do qual sustentamos que se poderia falar de um interesse na propagação de imagens de um governante de forma inédita na República.

Agregando a esse raciocínio, segundo Toynbee (1957), nas primeiras moedas emitidas na capital, entre 44-43 a.C., teria se mantido uma fidelidade notável à fisionomia de César. Naquelas cunhadas após sua morte, já se notava uma menor preocupação em representar César seguindo um compromisso com um retrato realista.

Argumentamos que quanto mais próximo César estava da divinização, mais seus retratos eram aperfeiçoados pelos moedeiros, a ponto de quaisquer traços desagradáveis naquela que era sua fisionomia — da qual fala Suetônio (*Diu.Iul.*, 45) — serem inaceitáveis. Era como se as imperfeições de seu corpo humano já tivessem sido deixadas para trás com a morte e o que agora restara, sua face divinizada, era representada nas moedas como forma de ressaltar isso,

mesmo antes da *consecratio* oficial. Vejamos os comentários de Suetônio (*Diu.Iul.*, 45, grifos nossos):

1. Diz-se que ele era de estatura alta, *tez clara, membros bem proporcionados, faces um pouco mais cheias, olhos negros e vivos*, de saúde privilegiada, só que nos últimos tempos, com frequência, esteve sujeito a súbitos desmaios e a pesadelos durante o sono.
2. Por duas vezes, no exercício de suas funções sofreu também ataques de epilepsia.
3. Exigente com relação aos cuidados corporais, *caprichava no corte de cabelo e em raspar a barba*, chegando até a se depilar, o que foi motivo de crítica de alguns; mas *amargurava-se com a própria calvície*, exposta amiúde às pilhérias de seus detratores.
4. Por isso *costumava puxar para a parte dianteira da cabeça seus raros cabelos, e de todas as honras conferidas pelo Senado e o povo a nenhuma recebeu e utilizou com mais satisfação do que a que lhe dava o direito de portar permanentemente a coroa de louro*.
5. Também se diz que se fazia notar pela elegância: usava um laticlavo guarnecido de franjas até as mãos e sobre ele passava o cinto, por sinal, de maneira pouco apertada; daí a palavra de Sila a prevenir com bastante frequência os aristocratas que tivessem cuidado com o garoto de cinto frouxo.

De fato, pela observação das moedas, percebe-se que esses detalhes fisionômicos de César se tornam cada vez menos perceptíveis chegando a ponto de ele aparecer como um jovem em três amoedações de 17 d.C.

Em nossas leituras, combinando o que vimos em Simon Price (1987) e Javier Arce (1990), entendemos que um imperador poderia se dispor a “lutar” com o Senado para garantir a divinização de seu antecessor quando lhe conviesse — como Augusto o fez —, caso os senadores apresentassem resistência para levar isso a cabo. Tentamos verificar se a opinião pública (que era existente) poderia ter algum efeito prático nesse tipo de discussão, mas parece que os estudiosos costumam restringir essas disputas às elites.

Destacamos também aqui a problemática que nos surgiu quando Paul Veyne (2009) afirma que qualquer caráter religioso que se pense haver na apoteose é falso. É a função imperial que seria divinizada e não o imperador (o homem agora morto) em si — seria um culto institucional que não diria respeito ao sujeito ritual e suas ações em vida. Na verdade, não queremos insinuar que o imperador era um deus como aqueles do panteão, mas tampouco vemos como acertado tratar a apoteose como irreligiosa ou falsamente religiosa. entendemos, sobretudo por ler Simon Price (1987) e Carlos Machado (2014), que há uma manifestação religiosa associada a uma dimensão política, sem que, no entanto, aquela exista apenas em função desta (ou sequer exista).

Tanto que para Carlos Machado (2014), a apoteose não é apenas uma manifestação do poder imperial na cidade de Roma — Machado não toma para si a distinção *consecratio/apotheosis* —, mas um processo por meio do qual uma nova divindade era somada àquelas já existentes no panteão romano — era um fenômeno *religioso*, em primeiro lugar, e que afetava uma ordem sobre-humana.

Ainda que esse fosse o caso, quando se fala do culto imperial, apesar de o imperador divinizado passar a ocupar um lugar entre os deuses, isso não significava que aqueles eram iguais a estes, havia certo distanciamento, algo que a própria sociedade reconheceria. Sendo assim, o emprego dos termos latinos *divus* (aplicado aos imperadores divinizados) e *deus* (termo referente aos deuses) seria uma maneira de enriquecer essa discussão.

Dessa forma, ainda que os *divi* fossem venerados como divindades, Machado aponta que as pessoas não direcionavam preces a eles e menos ainda esperavam a realização de milagres. Mas ainda que imperadores divinizados não tivessem a mesma devoção que divindades, o culto imperial e os sacerdotes *augustales* atestam rituais que visavam à propiciação. Disso resultou nossa preferência pelo emprego de “divi-nização”, em vez de “dei-ficação”. Não trataremos esses termos como sinônimos, uma vez que o segundo pareceria remeter a tornar-se deus de fato; o primeiro nos permite certa relativização quanto aos *divi*.

Abordando de maneira mais direta a faceta numismática da temática, vale dizer, antes de tudo, que não restam dúvidas de que a moeda é uma invenção que vai além de um sentido econômico. Em consonância com o que dizem Carlan e Funari (2012), vamos trabalhar com a ideia de que não se pode assumir que a leitura de signos por diferentes pessoas seja uniforme — vamos falar de símbolos e imagens que mesmo a grande massa de analfabetos poderia entender. Há uma dimensão sociocultural e histórica a ser considerada, o que implica em diferentes decifrações (e.g. as moedas não apenas circulavam em Roma, mas habitantes de províncias também poderiam ter acesso àquela série).

Assim, com frequência nos fizemos perguntas envolvendo inquietações sobre tais pontos: no caso de moedas cunhadas pelos imperadores ou que retratassem estes, por exemplo, em que medida essa evidência permitiria um diálogo com diferentes perspectivas acerca da relação com o sagrado? Será que não remeteria a apenas a uma perspectiva, aos pressupostos ideológicos de quem cunhou a moeda? Contamos agora com diferentes exemplares oriundos da cultura material para dizer que, de fato, parecer ser esse o caso.

Percebemos que, na prática, não só as interpretações das pessoas da época poderiam ser diversas como dissemos acima, mas que se trata de algo que não temos como acessar (i.e. a reação daqueles que observavam as moedas, a despeito de seu estamento ou localização geográfica no mundo romano). Apesar disso, defendemos que podemos falar de *intenções* (ou, mais ainda, *objetivos* políticos) das elites de Roma e locais (no caso das províncias) imbricadas nas amoedações: esperava-se que o que estava representado lá fosse interpretado de determinada maneira — é com isso em mente que fizemos as descrições das moedas.

Tendo isso em conta, apesar de serem fontes materiais e, em princípio, viabilizarem mais perspectivas que as fontes escritas (marcadas por discursos que partem de lugares de fala específicos), procuramos trabalhar com a noção de que as moedas devem ser encaradas com cautela semelhante e pelas características simbólicas e textuais que *todos* os itens de nossa amostra apresentaram, essa hipótese inicial pôde ser sustentada.

## 8. CONCLUSÃO

Por meio das moedas, pudemos ver o papel de Otávio Augusto na transmissão de discursos específicos por meio de moedas contando com associações entre bustos que retravam a ele e Júlio César, além de um primeiro contato com a notável legenda DIVI F. Vimos não apenas uma conexão anverso/reverso, mas também o caso da moeda de ordem 10 que vê dois bustos juntos no anverso, algo inédito em nossa amostra.

Cabe apontar também que ainda que não tenhamos perdido de vista ser Júlio César a figura principal aqui, grande parte da riqueza de abordar o “Divino Júlio” por meio de amoedações passou por cunhagens feitas sob Augusto. Este último procurou fazer uso da titulação e status daquele primeiro, o que nos leva a propor que uma simbologia referente à divinização marca essas amoedações por associação, ainda que o recipiente de tais honrarias divinas já tivesse sido assassinado anos antes.

Ainda que Júlio César tivesse sido um indivíduo proeminente em vida, é por meio da referência ao status conferido a ele postumamente que a conexão feita por Otaviano salta aos nossos olhos: o aspecto principal parece ser não que ele é filho de Júlio César, mas filho do Divino Júlio.

O ano de cunhagem das sete primeiras moedas tem para nós um valor central: não pudemos localizar em todo acervo do Museu Britânico, moedas romanas que apresentassem uma pessoa retratada em seu anverso ou reverso antes de 44 a.C. — algo assim seria uma importante base sobre a qual se erigiria parte do raciocínio de que César foi o primeiro a ser representado dessa forma.

Reconhecemos a limitação de estarmos nos concentrando em um único acervo; não podemos e nem queremos dar a entender que o Museu Britânico é o único referencial possível para chegar a esse tipo de conclusão, mas reforçamos ter sido ele central para esta investigação em particular e, portanto, parte importante em nosso raciocínio.

Sendo nosso interesse com começar a nos inserir na arena científica, imaginamos que uma empreitada como esta só teve a acrescentar à atuação de um pesquisador. Defendemos que, afinal, é nosso ofício enquanto cientistas debater e contribuir para a ciência por meio disso, ainda que na posição de iniciantes — já aqui na monografia quisemos lançar certas bases das quais poderemos, quiçá, nos aproveitar em níveis posteriores de formação, a fim de reaproveitá-las, desenvolvê-las, ou ainda, reconsiderá-las.

## REFERÊNCIAS

### Textos modernos:

AMATO, C.; NEVES, I. S.; RUSSO, A. Estados de conservação das moedas metálicas. In: \_\_\_\_\_. **Livro das Moedas do Brasil: 1643 até o presente**. 12. ed. São Paulo: Artgraph, 2009. p. 9.

ARCE, J. **Funus Imperatorum**: Los funerales de los emperadores romanos. 2. ed. Madrid: Alianza, 1990. 199 p.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: \_\_\_\_\_. GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 39-62.

BEARD, M.; NORTH, J.; PRICE, S. Religion in the late Republic. In: \_\_\_\_\_. **Religions of Rome: A History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. v. 1. p. 114-166.

CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A. **Moedas**: a numismática e o estudo da história. São Paulo: Annablume, 2012. 100 p.

\_\_\_\_\_. O corpo e suas representações nas moedas romanas: considerações sobre as moedas da Tetrarquia (285-305). In: MARQUETTI, F. R.; FUNARI, P. P. A. (Org.). **Corpo a Corpo**: representações antigas e modernas da figura humana. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2014. p. 55-64.

DAHLET, Véronique. O proceder da pesquisa: quais as relações entre problemática, dissertação e corpus?. **Letras**, Santa Maria, n. 21, p. 120-130, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/164247/157671/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FLORENZANO, M. B. B. A origem grega das moedas romanas. In: FÉLIX, L. O.; GOETTEMES, M. B. (Org.). **Cultura grega clássica**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 1989. p. 133-139.

FUNARI, P. P. A. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Antiguidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 11-12.

\_\_\_\_\_. Roma. In: \_\_\_\_\_. **Grécia e Roma**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 77-134.

\_\_\_\_\_. **Roma: vida pública e vida privada**. São Paulo: Atual, 1994. 81 p.

GARRAFFONI, R. S. Romanos. In: FUNARI, P. P. A. (Org.). **As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 53-66.

GINZBURG, C. La représentation: le mot, l'idée, le chose. **Annales ESC**, Paris, v. 46, n. 6, p. 1219-1234, nov./déc. 1991. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1991\\_num\\_46\\_6\\_279008](http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1991_num_46_6_279008)>. Acesso em: 01 fev. 2018.

KREITZER, L. Apotheosis of the Roman Emperor. **The Biblical Archaeologist**, Boston, v. 53, n. 4, p. 210-217, Dec. 1990. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3210166>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

LO MONACO, V. Introdução ao catálogo. In: FLORENZANO, M. B. B (Ed.); RIBEIRO, A. M. G.; LO MONACO, V. **A coleção de moedas romanas da Universidade de São Paulo: Museu Paulista, Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: MAE/USP, 2015. p. 21-24.

MACHADO, C. Entre Homem e Deus: o ritual da apoteose imperial na Roma antiga. **Mare Nostrum**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 59-75, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/105875>>. Acesso em: 30 set. 2017.

MARTINS, P. **Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto**. São Paulo: Edusp, 2011. 239 p.

MEDEIROS, João Bosco. Pesquisa científica. In: \_\_\_\_\_. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 40-53.

PORTO, V. C. As moedas romanas da Península Ibérica e da Síria-Palestina: uma tentativa de diálogo. **Mare Nostrum**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 13-32, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/105791/104490>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

PRICE, S. From noble funerals to divine cult: the consecration of the Roman emperors. In: CANNADINE, D.; PRICE, S. (Ed.). **Rituals of royalty: power and ceremonial in traditional societies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 56-105.

SCOTT, K. The Sidus Iulium and the Apotheosis of Caesar. **Classical Philology**, Chicago, v. 36, n. 3, p. 257-272, July 1941. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/265276>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SEVERINO, A. J. Diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2007. p. 49-65.

STEVENSON, Tom. **Acceptance of the Title *Pater Patriae* in 2 BC**. *Antichthon*, v. 43, p. 97-108, 2009. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/antichthon/article/acceptance-of-the-title-paterpatriae-in-2-bc/16F66B45BAAF856FFC5AB95B32F7673B>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

TOYNBEE, J. M. C. Portraits of Julius Caesar. **Greece & Rome**, Oxford, v. 4, n. 1, p. 2-9, Mar. 1957. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/641005>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

VEYNE, P. O que era um imperador romano? In: \_\_\_\_\_. **O Império Greco-Romano**. Tradução Marisa Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2009. p. 1-34.

YÉBENES, S. P. Imago Imperatoris, ad sidera! El funeral de los emperadores romanos, la apoteosis y el “cuerpo doble”. **Oppidum**, Segovia, n. 1, p. 103-120, 2005. Disponível em: <[http://oppidum.es/numeros/oppidum\\_01/pdfs/op01.03\\_perea.pdf](http://oppidum.es/numeros/oppidum_01/pdfs/op01.03_perea.pdf)>. Acesso em: 29 jan. 2018.

**Textos antigos:**

SUETÔNIO; PLUTARCO. **Vidas de César**. Tradução Antônio da Silveira Mendonça; Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007. 272 p.

**Obras de referência:**

CONSECRATIO; GENIUS. In: OXFORD Latin Dictionary. Oxford: Clarendon Press, 1968. p. 411; p. 759.

IULIUS CAESAR, GAIUS. In: THE Oxford Classical Dictionary. 3 ed. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 780-782.

**Registros de bancos de dados:**

R.9058. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1145213&partId=1&museumno=R.9058&page=1](https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1145213&partId=1&museumno=R.9058&page=1)>. Acesso em: 19 Abr. 2019.

R.9059. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1145210&partId=1&museumno=R.9059&page=1](https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1145210&partId=1&museumno=R.9059&page=1)>. Acesso em: 26 Abr. 2019.

R.9066. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1145187&partId=1&museumno=R.9066&page=1](https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1145187&partId=1&museumno=R.9066&page=1)>. Acesso em: 12 Abr. 2019.

R.9061. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1145208&partId=1&museumno=r.9061&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1145208&partId=1&museumno=r.9061&page=1)>. Acesso em: 13 Mai. 2019.

1901,0407.450. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1145221&partId=1&museumno=1901,0407.450&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1145221&partId=1&museumno=1901,0407.450&page=1)>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

R.9064. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1145202&partId=1&museumno=r.9064&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1145202&partId=1&museumno=r.9064&page=1)>. Acesso em: 27 Mai. 2019.

1867,0101.1397. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1145215&partId=1&museumno=1867,0101.1397&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1145215&partId=1&museumno=1867,0101.1397&page=1)>. Acesso em: 10 Jun. 2019.

2002,0102.4721. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=3080867&partId=1&museumno=2002,0102.4721&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3080867&partId=1&museumno=2002,0102.4721&page=1)>. Acesso em: Acesso em: 17 Jun. 2019.

1864,1128.8. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1145113&partId=1&museumno=1864,1128.8&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1145113&partId=1&museumno=1864,1128.8&page=1)>. Acesso em: Acesso em: 24 Jun. 2019.

1846,0910.176. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1113205&partId=1&museumno=1846,0910.176&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1113205&partId=1&museumno=1846,0910.176&page=1)>. Acesso em: 1 Jul. 2019.

R.9466. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1193362&partId=1&museumno=R.9466&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1193362&partId=1&museumno=R.9466&page=1)>. Acesso em: 10 Jul. 2019.

1872,0709.432. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1193364&partId=1&museumno=1872,0709.432&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1193364&partId=1&museumno=1872,0709.432&page=1)>. Acesso em: 15 Jul. 2019.

R.9428. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=3072617&partId=1&museumno=R.9428&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3072617&partId=1&museumno=R.9428&page=1)>. Acesso em: 22 Jul. 2019.

1995,0401.1. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1480000&partId=1&museumno=1995,0401.1&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1480000&partId=1&museumno=1995,0401.1&page=1)>. Acesso em: 31 Jul. 2019.

1860,0330.21. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1213937&partId=1&museumno=1860,0330.21&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1213937&partId=1&museumno=1860,0330.21&page=1)>. Acesso em: 07 Ago. 2019.

R.6035. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1214035&partId=1&museumno=R.6035&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1214035&partId=1&museumno=R.6035&page=1)>. Acesso em: 12 Ago. 2019.

1860,0330.23. In: THE BRITISH MUSEUM. **The British Museum Collection**. Disponível em: <[https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1214036&partId=1&museumno=1860,0330.23&page=1](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1214036&partId=1&museumno=1860,0330.23&page=1)>. Acesso em: 19 Ago. 2019.